



Associação
Bahiana de
Imprensa

FOTO: MARCO FLEHO / IMUR

Economia do Mar

Bahia tem 46 municípios costeiros, dentre eles Salvador. O Ciclo de Conferências 95+5 discute a Economia do Mar e as perspectivas para o setor no estado, que conta com atrativos como a Baía de Todos-os-Santos, a Capital da Amazônia Azul.

“A Economia do Mar movimentada cerca de R\$ 80 bilhões na Bahia. É cerca de 20% do PIB”

*Eduardo Athayde
administrador, economista, escritor*

ARTIGOS | Donaldson Gomes e Nelson Cadena

PROJETOS QUE MUDAM A NOSSA

vida

DE BOLSAS PARA JOVENS
PESQUISADORES ATÉ
CUIDADO COM IDOSOS.



Onde tem desenvolvimento tem Alba.

A Assembleia Legislativa da Bahia está sempre trabalhando por você. Aprovamos a **Lei PopCiência**, que populariza o acesso à ciência e implementa bolsas para jovens pesquisadores; chancelamos a **Política Estadual de Cuidados**, voltada à valorização e ao reconhecimento do trabalho de cuidado, com foco em mulheres, idosos e pessoas com deficiência e implantamos o **Programa Bahia pela Paz**, que integra ações de segurança pública com desenvolvimento social. Tudo isso melhora a sua vida e a de milhões de baianos.

**Leis que mudam a vida dos baianos.
Das ações de segurança pública à assistência social.**



Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

Iemanjá foi reverenciada antes, em rito especial, com pedido de fartura, e respondeu generosamente. Na manhã ensolarada de 12 de abril de 1943, canoas compridas avançaram sobre o mar na então distante Praia da Armação e jogaram uma grande rede do chargista e ilustrador Mario Paraguassu. A mãe das águas salgadas atendeu e os homens do mar ofertaram o dinheiro obtido com a venda do resultado do seu trabalho para a construção da Casa do Jornalista.

Pouco dinheiro, mas uma fortuna simbólica: vinha do mar, uma genuína demonstração de engajamento da sociedade baiana em apoio à saga dos fundadores da ABI, sob a liderança de Ranulfo Oliveira. A campanha de arrecadação duraria 25 anos, aí incluídos os 19 anos, entre início e conclusão das obras.

Nesta caminhada longa e tortuosa, dirigentes da ABI mergulharam na Bahia profunda pelos caminhos que se tinha à época, em busca de contribuições para a empreitada. Correram trecho pelas barrancas do São Francisco, cruzaram o cerrado ainda virgem dos campos do Oeste, onde a produção de grãos, minérios e biocombustíveis clama por um caminho direto para o mar. Cruzaram as lavras diamantinas já em franca decadência depois de atravessarem o Recôncavo, rumo ao Planalto da Conquista.

Mas daquela Bahia empobrecida pelo ainda indecifrável enigma baiano, só se poderia esperar pouco dinheiro e muita solidariedade. Melhor resultado tiveram aqueles precursores na Costa do cacau, quando reencontram o mar. A riqueza produzida sob as sombras generosas da Mata Atlântica era escoada pelo mar, e de lá vinham as divisas que financiavam o funcionamento da administração estadual e movimentavam a economia local a partir das fortunas do baronato da cacauicultura.

Nesse íterim, o local de construção da sede da ABI mudou da Rua dos Capitães, atual Rua Ruy Barbosa, para a Ladeira da Praça, agora rebatizada como Ladeira da Revolta dos Malês, até encontrar endereço definitivo na Rua Guedes de Brito. Do alto do Edifício Ranulfo Oliveira, concluído em 1960, se contempla, como em nenhum outro mirante disponível em nosso Centro Histórico, a velha Cidade da Bahia e a já reconhecida capital da Amazônia Azul, a Baía de Todos os Santos. Ambos em comunhão secular, com paciência histórica chinesa, esperando o tempo em que as gentes desta terra poderão, finalmente, se desenvolver a partir da exploração digna e sustentável desses dois grandes ativos em suas dimensões cultural e econômica.

Esta segunda edição especial de MEMÓRIA DA IMPRENSA é quase um complemento da anterior, sobre patrimônio cultural. Da mesma forma, as conferências do superintendente do Iphan, Hermano Guanais, e do diretor do WWI Brasil, Eduardo Athayde, estão absolutamente imbricadas.

Para compreender as conexões entre os dois temas, do passado colonial, visitando o presente e prospectando o futuro, a leitura desta 2 edições especiais é apenas um convite para conhecer a história, o arcabouço legal, geopolítica, infraestrutura, orçamento público...

A complexidade das pautas nunca foi obstáculo para o exercício do bom jornalismo - muito pelo contrário! Estamos falando de perspectivas de crescimento com capacidade para fazer a roda da economia baiana girar com mais vigor, para a felicidade geral da nação.

Se é verdadeira a nossa tradição de produzir talentos na comunicação, também é correta a constatação de que o tamanho do nosso mercado é inversamente proporcional à qualidade e ao talento de empreendedores, gestores e profissionais da área. Há décadas, todo o investimento em propaganda e marketing feito na Bahia por empresas aqui sediadas, é menor do que uma das grandes contas do sul maravilha.

Cobrir essas pautas com máxima responsabilidade e senso estratégico vai muito além dos ideais românticos do Jornalismo. A evolução da guerra comercial, a iminente construção da ponte Salvador-Itaparica, a sonhada integração entre os oceanos Atlântico e Pacífico, conectando portos de um lado e outro por ferrovias; a transição energética e a demanda por minerais estratégicos...

A conferência de Eduardo Athayde foi mais um bom momento de sua cruzada em defesa da exploração sustentável dos recursos conhecidos, e por descobrir, nos mais de 1.100 Km de litoral baiano. Sustentabilidade, sem a qual perdemos a mais evidente dessas potencialidades: o turismo.

Cobrir esses temas não exige mergulhar em águas profundas, mas o “jornalismo” apressado e incapaz de ir além da profundidade de um pires, atrapalha mais do que ajuda. Esta é a provocação a ser apresentada a cada edição especial do Ciclo de Conferências ABI 95+5. Ufanismo e superficialidade não combinam com o momento, e a comunicação baiana pode e deve fazer a sua parte e, sobretudo, ser parte do desenvolvimento que queremos.

Economia do Mar é o segundo tema do *Ciclo de Conferências* **ABI 95+5**

No dia 17 de agosto, a Associação Bahiana de Imprensa completa 95 anos de atividades. Nesse período, atravessou momentos desafiadores para o jornalismo, sempre se apresentando como local de defesa da atividade e incentivador de novas formas e formatos, desde que alinhados ao compromisso de ter a ética jornalística como balizadora do fazer. Uma trajetória que renova sua importância em tempos nos quais o jornalismo de qualidade e referendado é essencial para o debate sobre o mundo que temos e o que queremos. Dentro desse entendimento, a ABI vem desenvolvendo projetos para, durante todo o ano de 2025, celebrar sua nova data, reconhecendo o exercício vital do jornalismo: informar. É desse esforço que nasce o *Ciclo de Conferências ABI 95+5*, que, periodicamente, vem promovendo a análise de assuntos importantes para o debate público.

Para a segunda conferência do projeto, foi escolhido o tema Economia do Mar. Para desenvolvê-lo, a ABI recebeu, em seu auditório, Eduardo Athayde, administrador, economista, escritor, diretor do WWI no Brasil, membro de conselhos de fundos de investimentos internacionais, do conselho da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), vice-presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e diretor da Associação Comercial da Bahia (ACB), onde coordena a Comissão de Economia do Mar.

A conferência e o debate sobre Economia do Mar foram realizados no dia 9 de abril, na sede da ABI, e compõem o conteúdo desta publicação, junto com as contribuições do jornalista Donaldson Gomes e do escritor e jornalista Nelson Cadena.

Os textos de Eduardo Athayde foram transcritos de sua fala e editados, com mínimas intervenções, na busca pelo melhor entendimento do leitor. Depois disso, o conteúdo retornou para o autor, que o revisou para publicação.

A Série Especial da revista *Memória da Imprensa* surge para registrar o rico conteúdo do *Ciclo de Conferências ABI 95+5*. No seu primeiro número, trouxe o tema Patrimônio Histórico, desenvolvido pelo superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan/Bahia), Hermano Guanais.



Sumário

EXPEDIENTE

Conselho Editorial da ABI

Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florivaldo Mattos

Coordenação de Comunicação:

Josanne Guedes, Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos

Estagiário de Jornalismo:

Caio Valente

Editor:

Edson Rodrigues

Projeto Gráfico:

Editora Bamboo

Design Editorial:

Henrique Brito

Foto da Capa

Márcio Filho / MTUR

Revisão:

Guido Guilherme Krieger

Impressão:

JB Gráfica

Tiragem:

1.000 exemplares

Distribuição:

Gratuita

Contato:

ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica trimestral da Associação Bahiana de Imprensa. As edições especiais em comemoração ao aniversário de 95 anos da entidade são mensais e monotemáticas e se propõem a oferecer um olhar mais alargado sobre temas estratégicos para o desenvolvimento da Bahia e da comunicação baiana. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos pelos conferencistas e convidados são de sua responsabilidade exclusiva e não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro

Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos

Secretária: Heloisa Sampaio

Suplentes:

Wilson Midlej

Raimundo Vieira

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques

1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares

2º vice-presidente: Suely Temporal

1ª secretária: Amália Casal

Diretor de Finanças: Antônio Matos

Vice-diretora de Finanças: Sara Barnuevo

Diretora de Defesa DI/DH: Mara Santana

Diretor de Cultura: Nelson Cadena

Diretor Social: Nelson José de Carvalho

Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho

Diretora de Comunicação: Jaciara Santos

Suplente: Luiz Fernando Lima

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:

Suzana Alice Pereira

Joaci Góes

Emiliano José

Suplentes:

Jolivaldo Freitas

Luiz Nova

CONSELHO FISCAL

Titulares:

Simone Ribeiro

Pedro Daltro

Romário Costa Gomes

Suplentes:

Valter Xêu

Valber Carvalho

CONTATOS

Assessoria de Comunicação:

71.98791-7988 - ascom@abi-bahia.org.br

Secretaria:

71.98426-1460 - secretaria@abi-bahia.org.br

Administrativo:

71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

RUA GUEDES DE BRITO, Nº 01,
EDF. RANULFO OLIVEIRA, 2º ANDAR,
CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR - BAHIA
CEP 40.020-260



FOTO: JOSSENE GUEDES / ABI



FOTO: ANITARA ZAVIGHESE/ABI



FOTO: ARBSSON MARINHO / AGECOM

Eduardo Athayde

"O mundo inteiro está se envolvendo em Conferências de Economia do Mar"	06
"A Bahia de Todos-os-Santos foi declarada Capital da Amazonia Azul"	10
"A Economia do Mar movimentou cerca de R\$ 80 bilhões na Bahia. É cerca de 20% do PIB"	12
"Nós temos primazia, sim"	15
"Estamos tentando criar aqui o Centro Nacional de Economia do Mar"	18
"Temos de empreender um calendário de ações conjuntas, efetivas"	20

Debate

"Se a gente montar redes, montaremos a governança"	21
--	----

Artigos

Donaldson Gomes A Bahia tem bilhões de razões para olhar o mar com mais carinho	29
Nelson Cadena "O mar quando quebra na praia é bonito"	30



FOTO: JOSEANE GUEDES / ABI

Eduardo Athayde, administrador, economista, escritor, diretor do WWI no Brasil. Membro de conselhos de fundos de investimentos internacionais, do conselho da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), vice-presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e diretor da Associação Comercial da Bahia (ACB), onde coordena a Comissão de Economia do Mar.

O mundo inteiro está se envolvendo em *conferências* de *Economia do Mar*

Economia do Mar é um tema de estudo que temos abraçado por muitos anos. Preocupamo-nos a distância que a Bahia, com o maior litoral entre os estados brasileiros, e a maior baía do país, ainda tem sobre fatos e dados produzidos no mar em todo o mundo e, por outro lado, o potencial que não está sendo usado. Esse é o foco de minha fala. Vamos mostrar um cenário global e depois focar em pontos locais para podermos analisar, dentro de uma visão transdisciplinar, todo esse potencial.

A WWI faz cenários constantes no mundo inteiro. Em Abu Dhabi, quando a WWI apresentou a Baía de Todos-os-Santos como a Capital da Amazônia Azul, o fundo árabe Mubadala — que hoje é proprietário da Acelen, antiga Refinaria Landulpho Alves (Relan) — introduziu o fato no seu relatório ESG [Environmental, Social and Governance ou, em português, Ambiental, Social e Governança] e agora mostra no mundo que tem um investimento na Capital da Amazônia Azul. A visão ESG foca na governança socioeconômica e ambiental; se a visão econômica for excluída, derruba a sustentabilidade. Não podemos pensar a ESG como ambiental apenas, o que é fundamental, desde que você valore a preservação, precifique e, no que for possível, monetize.

Estamos na Década dos Oceanos da Unesco, que vai de 2021 a 2030, em que dados globais sobre a economia do mar são evidenciados. Quero lembrar

que antes a esquecida Relan, em Mataripe [distrito de São Francisco do Conde], atual Acelen, foi analisada do outro lado do mundo pelo Mubadala, que investiu, desvendou o seu potencial, multiplicou a produção e hoje a Acelen recolhe 17% do ICMS do estado da Bahia.

Na Eco-92, no Rio de Janeiro, foi a primeira vez na história que a civilização humana se encontrou enquanto povos. Antes, os Estados se reuniam e produziram documentos como o Relatório Brundtland [que critica o modelo de desenvolvimento, com exploração desenfreada dos recursos naturais]. Na Eco-92, nós nos encontramos, como pessoas, no Rio de Janeiro. A população mundial [à época] era de cinco bilhões de habitantes e o PIB de US\$ 28 trilhões. Levamos toda a história da civilização para chegar a esse ponto e, em pouco mais de trinta anos, pulamos para apenas 8 bilhões de habitantes e um PIB [mundial] de US\$ 115 trilhões.

Os oceanos cobrem 361 milhões de km² e quase metade da população global (44%) vive e trabalha

Ambiental é fundamental, desde que você valore a preservação, precifique e, no que for possível, possa monetizar.

a [até] 150 km da costa. Três quartos dos países do mundo fazem fronteira com oceanos, que têm essa função natural de provedores de alimentos. Estamos agora, no Brasil, com foco no Planejamento Espacial Marinho, lançado pelo BNDES e coordenado pela Marinha. Temos de planejar o mar, definir onde colocar as eólicas, portos, rotas marítimas e onde pescar. Com o crescimento da Economia do Mar, você tem de definir quem pode colocar o que e onde. Isso é fundamental para o desenvolvimento sustentável. Estamos na era da economia digital, na qual o mundo está literalmente nas mãos. O investidor ESG internacional entra na Baía de Todos-os-Santos, por exemplo, e faz investimentos que nem sabemos que estão sendo feitos. Isso acontece em toda a costa da Bahia e do Brasil. Temos de entender a força da economia digital e como podemos utilizar essa inteligência digital para transformar a Economia do Mar. Em Salvador, o mar está à nossa porta.

A Economia do Mar movimentada cerca de R\$ 2 trilhões por ano [no Brasil], só que não estamos medindo isso.

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU também focam os oceanos, no ODS 14. Para investidores, não é possível operar em nenhum lugar do mundo sem apresentar relatórios ESG nas bolsas de valores. O investidor quer saber o que está acontecendo com seu dinheiro quando toca no chão. Sem a informação ESG, ele procura e migra para outro investimento, visando à segurança da sustentabilidade.

Há algum tempo, um amigo me disse que [Donald] Trump iria acabar com a visão ESG no mundo. Engana-se quem está pensando assim, a ESG é apenas uma sigla que expressa valores humanos de governança, de sociabilidade, de economia sustentável. A ESG, daqui a pouco, pode mudar para outro nome. Já tivemos outros nomes para expressar o que a ESG

O tamanho dos oceanos é de 361 milhões de km2 e quase metade da população global (44%) vive e trabalha a [até] 150 km da costa.



FOTO: JOSEANE GUEDES/ABI



FOTO: JOSUANE GUEDES / ABR

expressa hoje. Mas os valores civilizatórios embutidos na ESG jamais serão deixados de lado. Nem podem ser. É uma questão de constituição de nossa sociedade e de nós todos.

O mundo inteiro está se envolvendo em conferências de Economia do Mar, que lá fora é chamada também de Blue Economy. Aqui, diferenciamos a Economia Azul, que envolve o valor dos ecossistemas marinhos, e a Economia do Mar propriamente dita, que é tudo aquilo em que o homem coloca a mão. Petróleo e gás são Economia do Mar; pesca é Economia do Mar; porto é Economia do Mar; Turismo, [indústria] naval, todas as ações que têm a presença humana são pensadas como Economia do Mar. E nós não estávamos medindo isso. Você tem o PIB da agricultura no Brasil, que é de cerca de R\$ 2 trilhões por ano. A Economia do Mar também movimentava cerca de R\$ 2 trilhões por ano [no Brasil], só que não estamos ainda medindo isso de forma objetiva e oficial. Não sabemos para onde essas rotas de investimento estão indo.

Estamos na época da COP [Conferência das Partes]. Participei de várias COPs pela WWI, a partir da primeira, que aconteceu em Berlim, em 1995, e até essa última agora, em Baku, capital do Azerbaijão [2024], que transferiu o bastão para a próxima, em 2025, em Belém [Brasil]. Só que a COP não acontece só em Belém, em novembro, o conceito COP acontece to-

dos os dias. O conceito internacional COP coloca os fundos internacionais a nos observar. O Brasil está no foco, a Bahia está no foco. Não podemos esperar até novembro. Temos de fazer a nossa pré-COP aqui na Bahia. Avançar no debate. Trazer o debate internacional para cá. Quando [a COP] chegar a Belém, será o grande evento internacional, mas precisamos trazer esse debate, na sua possibilidade de articulação.



WWI é a sigla que se refere ao antigo Worldwatch Institute. Trata-se de um instituto de pesquisa fundado em 1974 e sediado em Washington, D.C. (Estados Unidos). Como instituto responsável por relatórios impressos, foi descontinuado em 2020 e mantido como Rede WWI global, focada em análises sobre desenvolvimento sustentável.



Baía de Todos-os-Santos vista a partir do Elevador Lacerda, Salvador.

A Baía de Todos-os-Santos foi declarada *Capital da Amazônia Azul*

A nossa Amazônia Azul é uma ZEE, a exemplo de Zonas Econômicas Exclusivas do mundo inteiro. A Convenção Internacional de Direitos do Mar, que aconteceu em 1984, definiu isso: que todos os países costeiros têm direito a uma Zona Econômica Exclusiva. Por isso o Brasil tem direito. O almirante de esquadra Roberto de Guimarães Carvalho era o comandante da Marinha do Brasil em 2004, quando foi definida [essa Zona Econômica] como Amazônia Azul.

Isso nos dá um grande ganho, porque já temos a Amazônia Verde [parte terrestre]. Quando você conecta Amazônia Azul com Amazônia Verde, nos dá um diferencial no mundo. Imagine você estar na Capital da Amazônia Azul [a Baía de Todos-os-Santos]. Toda a Europa Ocidental cabe em nossa Amazônia Azul: são 5,7 milhões km². O IBGE já introduziu esse conceito no mapa. E temos de levar o tema para a educação. Principalmente na Bahia, que é o maior de todos os litorais brasileiros. Em Salvador, introduzi-lo na educação fundamental, média e superior. Não temos economistas do mar, temos oceanógrafos, precisamos medir esse potencial, oferecê-lo à sociedade e colocá-lo a serviço dela. O que você não mede não tem governança.

Reunimos, desde 2014, instituições na Associação Comercial da Bahia, quando foi lançada a Carta da Baía, e lá temos quinhentas e tantas assinaturas. A

Temos uma proposta de fazer uma COP30 na Bahia.

Baía de Todos-os-Santos é central à costa brasileira, por isso central à Amazônia Azul, berço da civilização brasileira, a maior baía do Brasil. São características que nos elevam à condição de capital. Temos uma primazia e levar para o mundo essa visão de Capital da Amazônia Azul é um diferencial para o turismo, para a captação de investimentos.

Há dados de uma tese de doutorado da professora Andrea Carvalho sobre o PIB da Amazônia Azul. Dados com os quais estamos agregando informações. Precisamos entender o que está diante de nós, o potencial disso. Estamos conversando com a ACBEU, onde tenho a honra de também fazer parte do conselho diretor, sobre a importância de essa associação — que tem 83 anos, fundada por rotarianos [Rotary Brasil] — abraçar essa causa.

A Baía de Todos-os-Santos foi declarada Capital da Amazônia Azul. Quando fizemos isso, em 2014, a Marinha do Brasil enviou um ofício a Marcos de Meirelles, que era presidente da Associação Comercial da Bahia [ACB]. A Marinha nos convidou para uma reunião em Brasília. Fui recebido por dois almirantes que me perguntaram [qual era] a base legal para que a Baía de Todos-os-Santos fosse declarada Capital da Amazônia Azul. Respondi: “Almirantes, a Associação Comercial é anterior à Marinha do Brasil. Nossa pedra fundamental foi lançada por Dom João VI, em 1808. Somos parceiros da Marinha desde que começou a Marinha. A Associação Comercial comemora a vitória na Batalha Naval do Riachuelo todos os anos. E a Baía de Todos-os-Santos é berço da civilização brasileira”. Seguindo, disse: “Se me derem a base legal para chamar o Rio de Janeiro de Cidade Maravilhosa, eu dou a nossa. Não há base legal, é aclamação pública. Está declarado pela Associação Comercial da Bahia, uma casa bicentenária, e ninguém tira. Essa é a posição”.

Hoje, almirantes de esquadra vêm a Salvador e anunciam: “Capital da Amazônia Azul!”. E fazem questão de celebrar o almirante Roberto de Guimarães Carvalho, ex-comandante da Marinha, que batizou a Amazônia Azul.(E.A.)

Toda a Europa Ocidental cabe em nossa Amazônia Azul: são 5,7 milhões de quilômetros quadrados.



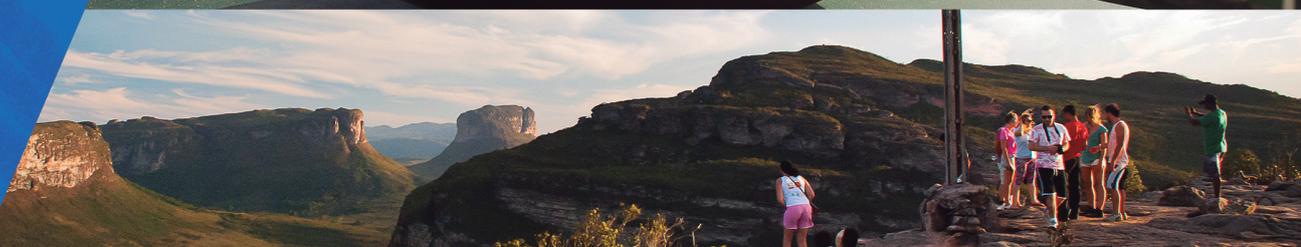
Imagem gerada através de IA - Inteligência Artificial

SINTA A ENERGIA DE VIVER A BAHIA

Bahia!
TURISMO

BAHIA
SINTA ESSA
ENERGIA

Uma vibração única, que vem do batuque do tambor, vibra nas ruas, com cores, cheiros e sabores de uma terra que se reinventa. Na cultura apaixonante, na culinária irresistível e nas paisagens inesquecíveis. Uma energia que passeia pela diversidade das tradições e de um povo acolhedor, que te espera de braços abertos. Nenhuma palavra explica, nenhum cartão-postal traduz. **Tem que sentir pra entender. Pode chegar. Aqui tem uma Bahia feita pra você.**



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE



FOTO: CAROL GARCIA / GOVBA

Porto de Salvador, na Cidade Baixa. Ao fundo, à direita, o Forte de São Marcelo, o "umbigo" da América do Sul.

A Economia do Mar movimentada cerca de R\$ 80 bilhões na Bahia. É cerca de 20% do PIB.

Pensam que Salvador acaba na terra, mas a fronteira de Salvador é no mar. A maioria do território de Salvador está no território molhado da Baía de Todos-os-Santos, Kirimirê*. Só que não sabemos quanto vale esse território molhado. Os apartamentos com vista para o mar, em Salvador, por exemplo, são mais valorizados

do que os que não têm essa vista. Na Avenida da França (Comércio) tem três prédios-garagem com vista para o mar. Você sobe seu carro e vai vendo a Capital da Amazônia Azul. Faz parte de nossa velha cultura. A gente precisa despertar para o potencial que temos em uma nova cultura global que está se apresentando. Não podemos abrir mão de nossa cultura local, jamais. Mas é muito importante fazer esse encontro entre culturas globais e a nossa cultura local. Começamos todos os anos em Salvador com a procissão de Nosso Senhor dos Navegantes. Na Assembleia Legislativa da Bahia tem um painel que representa essa nossa relação com o mar. Nossa Assembleia Legislativa é também a Assembleia Legislativa do mar.

Nós temos que ter o PDDU do mar! O prefeito de Salvador, os vereadores de Salvador comandam a maior parte da Baía de Todos-os-Santos.

Abrimos janeiro com: “Senhor dos Navegantes, nos ilumine”. E já em 2 de fevereiro temos outra festa do mar [Festa de Iemanjá]. Então, nós somos do mar, nós vivemos do mar.

Portugal veio para cá movido a energia eólica, a única força capaz, à época, de mover caravelas além-mar. Essas coisas, então, precisam começar a fazer sentido nas nossas mentes.

Temos 66 km de orla marítima. A maior parte do território de Salvador é território molhado. Nós temos que ter o PDDU do mar! O prefeito de Salvador, os vereadores de Salvador comandam a maior parte da Baía de Todos-os-Santos.

O que acontece na Baía de Todos-os-Santos é que temos um emaranhado de normas legais, federais, estaduais e municipais. Quando alguém vem fazer investimento, a quem procura antes? Ninguém sabe. Quanto tempo demora cada parecer? Ninguém sabe. Quantos pareceres são? Ninguém sabe. O que a Califórnia fez? Eles fizeram uma agência de gestão da Baía da Califórnia, assentaram todos que têm mandados constitucionais e [esse coletivo] coordena as ações todas lá. Nós vamos ter que partir para fazer alguma coisa nesse sentido, senão vamos perder tempo e recursos, pois ninguém sabe quem manda na

A Bahia está morna e isso me incomoda muito.

Nós somos o umbigo da América do Sul. E que imagem fantástica! Quantas coisas a gente pode fazer a partir disso.

Baía de Todos os Santos. O Ministério Público Federal está sabendo disso e assim estamos avançando. Falando em Economia do Mar especificamente, um levantamento feito sobre uma parte do pasto do Mar Mediterrâneo chegou-se à conclusão que ele valia 90 bilhões de euros para a indústria pesqueira. Se você depredar aquele pasto, o barco vai ter que ir mais longe, gastar mais óleo, mais horas de trabalho, para pescar mais longe. Então, olha o valor da preservação. Essa é a economia da sustentabilidade, a econometria. Hoje, os mangues são fábricas de vida marinha, veja quantas pessoas os mangues alimentam; os corais, quantas pessoas alimentam. São levantamentos que são mostrados e isso precisa fazer parte de nossa cultura, de nossa visão. E, de novo, é preciso introduzir isso na educação de nossos filhos, nas escolas da Bahia.

Tem uma matéria do jornal A Tarde que fizemos e traz que a Economia do Mar movimenta cerca de R\$ 80 bilhões [ano] na Bahia. É cerca de 20% do PIB do estado, essa é a medida, medida internacional: a Economia do Mar movimenta cerca de 20% do PIB.



Dia 2 de fevereiro no Rio Vermelho, em Salvador: Festa de Iemanjá.

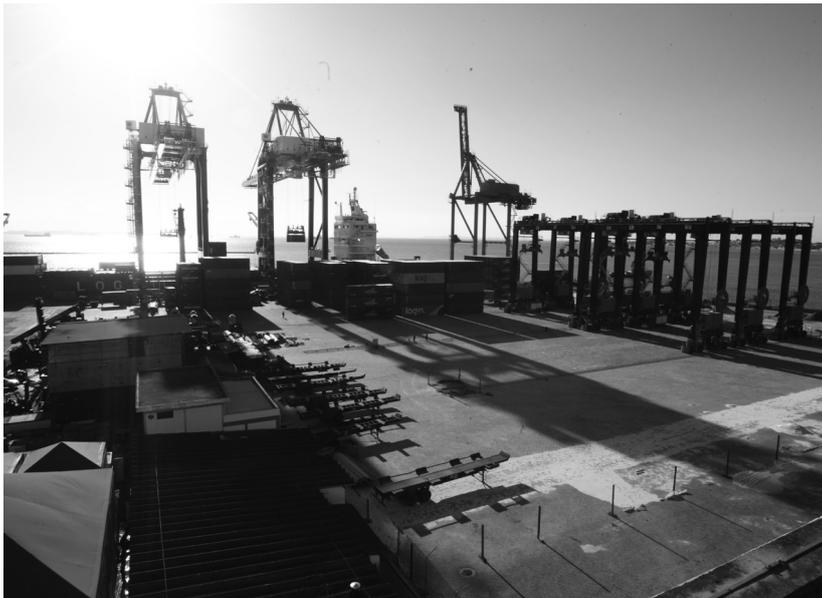


FOTO: CAROL GARCIA / GOVBA

E quando a gente pensa em Economia do Mar, é tudo que falamos anteriormente. E temos que ter o Atlas da Economia do Mar para poder descermos às especificidades.

Imagina que historicamente a Baía de Todos-os-Santos tinha com entrada a Barra Norte o Farol da Barra; e a Barra Sul é marcada pela fortaleza do Morro de São Paulo. Será que vamos deixar isso perdido? Vamos recorrer ao IBGE, vamos trabalhar juntos, ABI, ACBEU, nós, o Instituto Geográfico e Histórico, que é parceiro. Temos que dar vida às instituições. Tenho horror quando alguém diz: “Aquela instituição está acabada”. Instituições são ficções jurídicas, as pessoas que as compõem é que lhes dão vida, ou não.

A Bahia está morna e isso me incomoda muito. Eu fico muito fora, mas quando pouso aqui parece que tudo fica meio lento. Essa é a sensação. A Bahia está meio lenta e temos que fazer alguma coisa para reverter essa situação. Temos que retomar o Morro de São Paulo como a Barra Sul da Baía de Todos-os-Santos, ela foi cortada ali para a Ponta dos Garcez [Jaguaripe].

O umbigo da América do Sul é como os antigos navegantes chamavam o Forte de São Marcelo, foi o professor Cid Teixeira quem me ensinou. Se você olhar a “barriga” da América do Sul, verá que tem um “umbigo”. Nós somos o umbigo da América do Sul. E que imagem fantástica! Quantas coisas a gente pode fazer a partir disso. Se você disser em um congresso lá fora: “Umbigo da Capital da Amazônia Azul”. Isso, no cenário internacional, para uma organização internacional de turismo, impressiona e atrai atenções.

O prefeito de Salvador [Bruno Reis] pela primeira

vez falou: “Salvador, Capital da Amazônia Azul”. Eu havia dito a ele que imaginasse um evento nos Estados Unidos, na Europa, com prefeitos de alguns lugares do mundo, com cinco minutos para cada um [falar de sua localidade]. “Sou prefeito da Capital da Amazônia Azul”. Atrai a atenção de todo mundo.

Os cruzeiros que chegam à Baía de Todos-os-Santos, podendo ler da estação marítima: “Capital da Amazônia Azul”. Olha a mídia espontânea que pode ter. O navio demora uma hora na bacia de evolução para atracar, todos [do navio] estariam fotografando e mandando para todo o mundo. Quanto custa isso? Zero. É escrever “Capital da Baía Azul” em cima da fachada, do telhado, ou onde quiserem. Isso tem muita força para o turismo internacional, para o turismo nacional. O turista está parando na Capital da Amazônia Azul! a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, Setur-BA, estimou cerca de 440 mil turistas e 130 operações de cruzeiros marítimos. Atraímos com isso atenções, recursos, novos empregos, novas rendas.

Fora da fronteira brasileira, a Baía de Todos-os-Santos é uma ilustre desconhecida. Se você apresenta na Itália, por exemplo, uma marina na Capital da Amazônia Azul, vai atrair o investidor para analisar o potencial. E se vier, fica. Nós não estamos nos vendendo e estamos sendo comprados, lamentavelmente, muito barato. Imagina sobre aeroporto, vindo de qualquer lugar do mundo: “Eu vou para Salvador, Bahia”. Ninguém sabe onde que é, não vai saber nunca. Põe lá: “Capital da Amazônia Azul”. Sim, Salvador e a Baía de Todos-os-Santos são a Capital da Amazônia Azul. É uma outra forma de conversar com o mundo. (E.A.)



Kirimurê era o nome dado à baía pelos povos tupinambás, que habitavam o seu entorno e a Ilha de Itaparica.

Posteriormente, em 1501, os portugueses a renomearam como Baía de Todos os Santos.



Nós temos primazia, sim.

Uma vez eu estava em São Paulo fazendo uma palestra sobre meio-ambiente e levantou um alemão da plateia e disse: "Olha, Dr. Eduardo, muito bonitos esses sonhos, mas eu quero saber como é que eu ganho dinheiro, porque sonho não dá dinheiro". Eu disse que naquele ano o Pato Donald, que não existe, estava completando 85 anos e fatura 800 milhões de dólares

Estamos deixando o nosso potencial, o nosso patrimônio, o patrimônio imaginário, passar.

por ano. Então me dizer que sonho não ganha, não fatura? Você nunca foi à Disney? Nunca viu as catedrais, não foi ao Vaticano, não viu [Antoni] Gaudí? Romeo e Julieta têm filas e nunca existiram [a Casa-Museu de Julieta fica em Verona, na Itália]. Encontrei um amigo, uma vez em Lisboa, que queria ir à Escola de Sagres [teria sido uma instituição fundada pelo infante Dom Henrique, no século XV, para estimular as navegações portuguesas]. A Escola de Sagres só existiu na virtualidade da inteligência da época. Outra vez, estava em uma palestra na Amazônia e perguntei quanto é que vale o jacaré. Ninguém sabe quanto vale o jacaré. Mas se você colocar o jacaré na camisa, você fica chique. Entendeu? É impressionante como estamos deixando o nosso potencial, o nosso patrimônio imaterial, o patrimônio imaginário, despercebido. E isso significa recursos, sim! São recursos de outra dimensão que ajudam a atrair os recursos financeiros que precisamos.

Eu tive a oportunidade de conhecer o Jeff Bezos em uma palestra do WWI, em nossa sede, em Washington, e lá ele disse como criou a Amazon. Ele era megalomaniaco, teve um sonho e acordou querendo fazer uma empresa que tivesse tudo. Ele acordou com "Amazon" na mente. Registrou. Sabe quanto vale a marca Amazon? 365 bilhões de dólares. Quanto é que vale a nossa? Quanto é que vale a nossa Capital da Amazônia Azul, criada pela bicentenária Associação Comercial, e que qualquer um pode usar?

Escrevi um artigo no jornal Correio, com o título Almirante Primaz do Brasil, um título honorífico atribuído ao almirante comandante do Segundo Distrito Naval, que está sediado na Capital da Amazônia Azul. O arcebispo de Salvador é o primaz do Brasil; nossa Câmara Municipal é a primaz do Brasil; Salvador é a cidade primaz do Brasil. Quantos primazes nós temos aqui [Salvador e Bahia]? Primazia. Nós temos primazia, sim, e precisamos aprender a usar isso e mostrar isso com força lá fora.(E.A.)

Sabe quanto vale a marca Amazon? 365 bilhões de dólares. Quanto é que vale a nossa? Quanto é que vale a nossa Capital da Amazônia Azul?



NÃO DÊ ESPAÇO PRO MOSQUITO

DENGUE MATA. E VOCÊ PODE SER A PRÓXIMA VÍTIMA.

Quando o *Aedes Aegypti* acha qualquer brecha, logo se espalha e coloca você e sua família em perigo.

Para não dar espaço a ele, siga as dicas. Em caso de sintomas, reforce a hidratação e procure o posto de saúde da Prefeitura antes de tomar qualquer medicação.



EVITE POÇAS
DE ÁGUA NA
ÁREA DA CASA



LIMPE RALOS
E CALHAS



COLOQUE AREIA
NOS PRATOS
DE PLANTAS



MANTENHA
O QUINTAL
SEM LIXO
OU ENTULHO



MANTENHA
TONÉIS
E CAIXAS - D'ÁGUA
FECHADOS



GUARDE GARRAFAS
E BALDES VIRADOS
PARA BAIXO



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA SAÚDE

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE

Estamos tentando
criar aqui o
***Centro Nacional
de Economia do Mar***



Planejamento espacial marinho, isso é relatório do OCDE [Organização Para a Co-Operação e Desenvolvimento Econômico] que estamos abordando. O BNDES já está financiando o planejamento espacial marinho do Norte ao Sul do país. Os investidores estão dispostos, por tudo que até aqui mostrei e muito mais. Se vocês procurarem sobre Economia do Mar tem muita informação sobre o assunto. Na Bahia, somos 46 municípios costeiros e estamos tentando criar aqui o Centro Nacional de Economia do Mar, do Sebrae. No Mato Grosso, diante da diversidade, eles criaram lá um centro nacional de sustentabilidade, com dinheiro do Sebrae nacional. Nós somos Capital da Amazônia Azul, estamos reivindicando um centro de Economia do Mar nacional aqui na Capital da Amazônia Azul. Tem uns cinco anos que estamos tentando convencer o Sebrae [com essa ideia]. No ano passado, esteve aqui o presidente do Sebrae nacional e me convidou a falar sobre a Amazônia Azul. Todos os diretores do Sebrae do Brasil aqui. Eu comecei perguntando: “Quem já ouviu falar de Amazônia Azul?” Apenas um levantou a mão. Imagina que esses executivos estão com recursos na caneta do Sebrae. A maioria das ações da Economia do Mar nas praias é foco do Sebrae, pequenas e microem-

Na Bahia, somos 46 municípios costeiros.

presas. Economia do Mar não é feita apenas pelas grandes empresas. Temos as barracas, o camelô, o picolé, a marisqueira, saveiro, tudo isso é Economia do Mar. Grande e pequeno. O Sebrae, obrigatoriamente, tem que entrar nisso. É um movimento que precisa ser feito por nós, sociedade civil organizada. Se não atraímos para cá, alguém vai fazer o Centro Nacional de Economia do Mar. Isso é ODS 9: Indústria, Inovação e Infraestrutura.

O Brasil tem 279 municípios em 17 estados costeiros. Temos aí o chamado carbono azul. Todo o carbono produzido no mar é carbono azul. Estamos trabalhando com a SEI [Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia], já estivemos com a Secretaria de Turismo, Associação Comercial: estamos trabalhando para criar o primeiro Atlas da Economia do Mar na Bahia. Fizemos o Atlas Eólico e atraímos investimentos, a Bahia é um grande parque eólico hoje. Fizemos o Atlas Solar, atraímos investimentos. Na Bahia temos 1.605 km de fronteiras com mar na Bahia. Não são 1.160 não, porque a gente esquece das valiosas margens das reentrâncias das baías. Você imagina, a maior baía do Brasil (Todos os Santos), 56 ilhas. Baía de Camamu, como esquecer dela? São as reentrâncias. Quanto que valem para garantir a preservação dos ecossistemas, a produção de vida, e para os investimentos sustentáveis? (E.A.)

Economia do Mar não é só o grande. Tem as barracas, mas tem o camelô, o picolé, marisqueira, saveiro, tudo isso é Economia do Mar.



FOTO: ALEX OLIVEIRA / SETUR

Porto da Barra em dia de praia em Salvador: serviços e comércio diversificados

Mangue, uma 'fábrica de vida marinha.'



Temos que empreender um calendário de ações conjuntas, efetivas.

Elevador Lacerda, Mercado Modelo, Terminal Náutico e Forte de São Marcelo vistos da Praça Thomé de Souza.

O Aleixo Belov [navegador], querido amigo, vai partir dia 12 [abril], sábado, para mais uma volta ao mundo. Na última volta, ele me levou lá no barco, três dias antes de partir para a Passagem Noroeste. Estava com o costado do barco todo branco. Propus: vamos imprimir aí “Salvador, Bahia, Brasil: Capital da Amazônia Azul”. E assim ele foi para o mundo, levando a informação pelo mundo inteiro.

O maior velejador do Brasil é desconhecido nacionalmente [ele é ucraniano, mas radicado em Salvador desde 1949, quando tinha seis anos de idade]. Mas todo mundo sabe quem é o Almyr Klink. Por quê? Porque tudo que acontece no Rio de Janeiro e São Paulo é “o melhor do Brasil”. Tudo que acontece em Nova York e Londres é “o melhor do mundo!”. Tudo que acontece na Bahia é, no máximo, “o melhor do Norte e Nordeste”. A gente precisa se libertar disso.

O investidor ESG, quer saber como o seu dinheiro é investido também em ações sociais. Precisam mostrar esses perfis nas bolsas de valores, mostrar o que está sendo feito pela sociedade local, como está investindo em educação, ODS 4; na saúde, ODS 3; em energias renováveis, ODS 7. É uma nova visão, um planejamento sustentável para o mundo.

Estamos articulando, como ACBEU e como Instituto Geográfico, a integração de Salvador com Nova Orleans. A Acbeu não é apenas uma escola de inglês, é uma associação cultural signatária do Pacto Global que tem por objetivo introduzir os objetivos de desenvolvimento sustentável nos municípios. Já está fazendo em Feira de San-

Nonã adianta ficar preso nessa barreira cultural. Temos que reaprender tudo.

tana, com prefeitura, desde o ano passado. Está introduzindo inglês com os ODS na prefeitura [Feira de Santana] e expandindo de lá para outras prefeituras.

A ideia é Salvador com Nova Orleans porque Nova Orleans tem Carnaval, o Mardi Gras. Falando com o assessor da LaToya [Cantrell, prefeita de Nova Orleans], já pedimos para fazer esse contato em conjunto com a Associação Bahiana de Imprensa e o Press Club de lá, somar forças, trazer a LaToya aqui. Eles ficam na foz do Mississippi, beirando o Golfo do México – alguns preferem Golfo da América, não vou entrar nessa discussão – e tem o nosso Golfo [Baía de Todos-os-Santos]. Temos que empreender um calendário de ações conjuntas, efetivas. Quem já foi em Nova Orleans e ouviu o blue, o jazz, sai maravilhado e eles são parecidos com a gente.

Uma provocação agora. Para a gente fazer uma pré-COP30 aqui, na Capital da Amazônia Azul. Estamos conversando com alguns parceiros e esperamos que a ABI se integre, como ACB, Acbeu, Fecomércio. Para abrir o debate sobre a COP.

E agradeço a vocês deixando a mensagem desse meu querido amigo, que partiu em 2016, que me ensinou muito. Quando ele me disse que temos que aprender, desaprender e reaprender, mudou minha cabeça. O Alvin [pensador norte-americano, Alvin Toffler, 1928-2016], sinto muito a falta dele, pois mudou minha forma de pensar. Fez-me reaprender. Não adianta ficar preso nessa barreira cultural. Temos que reaprender tudo e, por isso, estamos tentando trocar ideias aqui.(E.A.)

Uma provocação agora. Para a gente fazer uma COP30 aqui, na Capital da Amazônia Azul.



FOTO: TEREZA TORRES / SETUR

“Se a gente montar redes, montaremos a governança.”

Em sua segunda edição, o Ciclo de Conferências ABI 95+5 teve como tema central a Economia do Mar. A discussão foi conduzida por Eduardo Athayde, administrador, economista, escritor, diretor do WWI no Brasil, membro de conselhos de fundos de investimentos internacionais, do conselho da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), vice-presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e diretor da Associação Comercial da Bahia (ACB), onde coordena a Comissão de Economia do Mar. Realizado na sede da ABI, o encontro contou com a participação ativa do público, que teve a oportunidade de dirigir perguntas ao conferencista após a sua apresentação.

O material a seguir traz o conteúdo dessa segunda parte da programação, dedicada ao debate. É uma oportunidade para Eduardo Athayde aprofundar aspectos da Economia do Mar em diálogo com a plateia.

O material que passa a ser apresentado foi elaborado com base na transcrição do debate. Para a adaptação ao texto escrito, foram eliminados, na medida do possível e sempre na busca por um melhor entendimento do conteúdo pelo leitor, vícios de linguagem e repetições comuns no diálogo entre falantes. Para uma melhor experiência de leitura, foi adotado um fluxo de perguntas e respostas que não repete rigidamente o do debate. As perguntas foram resumidas ao seu essencial, permitindo maior espaço para as respostas.

Se me perguntar sobre outra forma [de um melhor traçado da ponte], em volta da Baía de Todos-os-Santos, sem dúvida.

Na sua opinião, que impactos existem, positivos e negativos, em relação à Baía de Todos-os-Santos, com a vinda da ponte Salvador-Ilha de Itaparica? Isso levando em conta o desenho da ponte proposto até agora.

Olha, essa é uma pergunta recorrente. Em todos os lugares aos quais eu vou, ela está presente. O WWI é uma instituição de fatos e dados, focada em sustentabilidade, uma rede internacional. Antes, era um instituto sediado em Washington DC até 2020, um prédio de oito andares onde produzíamos os relatórios, dentre eles o Estado do Mundo, considerado internacionalmente como Bíblia da sustentabilidade, publicado anualmente. Saímos desse prédio porque analistas e, especialmente fundos de investimentos começaram a adentrar, querendo informações antes de serem publicadas. Abastecemos aqui muitos veículos como a Folha de S. Paulo, jornais Valor, Estadão, há muito tempo. Aqui na Bahia o Correio, A Tarde e portais. Não fazemos militância ambiental, somos uma entidade focada no estímulo ao desenvolvimento sustentável através de levantamentos e publicação de fatos e dados.

Se você me perguntar se eu gostaria de ver a ponte em pé, a resposta é não, obviamente que não. Se você me perguntar se acho que ela pode acontecer, acho que sim, ela pode vir a acontecer. Se me perguntar sobre outra forma [de um melhor traçado da ponte], em volta da Baía de Todos-os-Santos, não há dúvida. Uma coisa é o que eu gostaria, outra são os fatos e dados que estão acontecendo. Eu lembro que, em 2009, convidamos o Sérgio Gabrielli, que era o secretário de Planejamento [do estado da Bahia], para vir ao plenário da Associação Comercial, a fim de discutir a ponte Salvador-Itaparica, Joaci Goes era um dos debatedores. Naquela época, o governo prometeu inaugurar a ponte em 2013. Estamos em 2025 e ainda discutindo se vai ser construída ou não. Acho que está muito próximo de, talvez, acontecer. Se é meu desejo? Óbvio que não.

Essa é uma dimensão que é muito importante a gente ter. Se você somar todas as áreas urbanas das cidades do Brasil inteiro, você tem noção do percentual que ocupam do território nacional? Apenas 0,63%. Nós estamos numa aglomeração urbana, mais de 85% da população brasileira é urbana. Temos de buscar saídas; quando pensamos em meio ambiente, nos vêm à mente apenas a chamada natureza, lá fora. Esquecemos o ambiente urbano, onde todos estamos inseridos, aglomerados.

Pesquisas internacionais do WWI que fazem cenário de frente [mostram que], em cinco anos, a nossa tendência com a economia digital é a “desmetropolização”. Já estamos nos movendo dos centros das cidades, uma espécie de êxodo urbano, com a possibilidade de trabalhar remotamente.



FOTO: RITA BARRETO / SETUR

Praia da Boa Viagem, Cidade Baixa, Salvador.



Pelo Rio Paraguaçu, rumo à Baía de Todos-os-Santos: rota secular viabilizou o crescimento de diversas cidades do Recôncavo.

As instituições têm de ser fortalecidas porque a inovação na governança precisa ser estabelecida antes do governo.

Tivemos uma mudança agora na gestão da prefeitura de Salvador que é a criação de uma Secretaria do Mar. Mas ficou algo muito subjetivo. A sua apresentação, para mim, deu uma clara evidência de que, de fato, [é importante] ter o peso de uma Secretaria do Mar, diante dessa envergadura. Então, já houve alguma conversa com a secretária, um aceno do prefeito [Bruno Reis] para aprofundar mais essa questão da Amazônia Azul, debatendo com a política pública, com a política social?

Olha, eu conheço a secretária há muito tempo, mas não estive com ela ainda. Temos conversado há muitos anos com a prefeitura nesse sentido, sobre a importância. Estamos perdendo tempo, o Rio de Janeiro já criou a Secretaria de Estado de Economia do Mar. O Sebrae do Rio de Janeiro esteve conosco aqui, há duas sema-

nas nos reunimos na Associação Comercial, sou diretor da Associação Comercial, temos lá um grupo de Economia do Mar. A Comissão de Economia do Mar da Associação Comercial é nacional, tem mais de 450 membros, almirantes estão lá. É atualmente um grupo referência da Marinha do Brasil, tem presidentes de Federação das Indústrias de norte a sul, secretários de estado e governadores.

Há muito tempo temos abordado o prefeito [de Salvador], chamando a atenção para a importância da Economia do Mar. O presidente da Associação Comercial de Niterói esteve conosco há duas semanas, eles estão investindo na Economia do Mar. Quando a Associação Comercial declarou, em 2014, a Baía de Todos-os-Santos como Capital da Amazônia Azul, colocou-se à disposição. As instituições têm de ser fortalecidas porque a inovação na governança precisa anteceder o governo. Economia do Mar na Bahia, e em Salvador principalmente, pode ser o carro-chefe e temos de nos dar as mãos para construir isso. Portanto, parabéns à Prefeitura de Salvador por ter criado a Secretaria do Mar.

[...] todo mundo manda na Baía de Todos-os-Santos e ninguém manda.

Isso envolve também outras instituições, como o legislativo local, de Salvador, o baiano, o legislativo federal e o próprio governo do estado. Porque temos uma Baía de Todos-os-Santos que não é só Salvador, a baía envolve também outros municípios. Existe interlocução interinstitucional com essas outras instâncias de poder, para além das instituições, que são da sociedade civil?

A Associação Comercial, em 2014, fez várias ações na baía. Via WWI, procuramos, no mundo, quem tinha modelos e poderia oferecê-los para estudos e até para adaptação. Colocamos a Baía [de Todos-os-Santos] em um clube chamado As Mais Belas Baías do Mundo, sediado na França. Estive com o presidente dele, em Paris, em 2009, 2010. Descobrimos que entre as baías do mundo, na de São Francisco [EUA], eles criaram uma agência de gestão. Fui a São Francisco em 2014. Convidei o presidente [da agência de São Francisco] para vir à Associação Comercial e ele veio duas vezes. Ele mostrou o que fizeram na Baía de São Francisco, que era a mesma coisa da

nossa. [Hoje] você traz lá da Itália, por exemplo, um investidor que queira investir € 500 milhões na Baía [de Todos-os-Santos] e procura quem? Ninguém sabe. Quantos pareceres são? Ninguém sabe. Quanto tempo leva cada parecer? Ninguém sabe. Em São Francisco, assentaram todos os que têm mandatos constitucionais em um conselho e criaram a agência de gestão da Baía de São Francisco. Criaram a função de gestor que é indicado pelo conjunto e nomeado pelo governador e assim qualquer projeto passa a ter coordenação executiva.

A promotora da Baía de Todos-os-Santos da época era a Dra. Cristina Seixas, ela disse: “Eduardo, não tem jeito, nós checamos de todas as formas, tem de fazer uma agência de gestão”. Senão você não consegue destravar processos, porque todo mundo manda na Baía de Todos-os-Santos e as ações emperram. Uma agência de gestão, no modelo deles [São Francisco], precisa ser constituída através de leis estaduais e federais. Já fizemos a lei estadual, a lei estadual de Economia do Mar foi promulgada aqui. Se você, por exemplo, precisa de autorização para colocar uma poita [estrutura fixa no fundo do mar, usada para ancorar embarcações] no Forte São Marcelo, não é a Marinha que decide, é o município de Salvador: são águas territoriais soteropolitanas. Não temos um PDDU do mar. Então, estamos com esse potencial, essa riqueza toda, mas não sabemos o que fazer com eles. Precisamos nos organizar.



FOTOGRAFIA BARRETO / SETUR

Ponta de Humaitá, na Península de Itapagipe.



Vista da Baía de Todos-os-Santos a partir da Avenida Contorno: no canto direito da foto, o casarão do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM).

Preservar as áreas em uma cidade pobre como Salvador é cada dia mais difícil. Mas precisamos avançar.

Percebe-se que ainda não temos um consenso do ponto de vista de políticas públicas, no sentido de termos atividades sustentáveis que banquem o crescimento e preservem o meio ambiente. Como lidar com essa questão, essas divergências ideológicas dentro do próprio propósito de se adotarem políticas que caminhem na direção de um crescimento sustentável? Há divergências até mesmo nesse contexto, não?

Como eu disse, estamos amontoados enquanto civilização. Preservar as áreas em uma cidade pobre como Salvador é cada dia mais difícil. Mas precisamos avançar. E a primeira forma de preservar é educando. Estamos conversando com a ACBEU para lançar no Brasil o relatório do WWI Reeducando Para a Sustentabilidade. São vários capítulos, com fatos e dados sobre educação no mundo. Trazer parceiros de Nova Orleans (EUA), por exemplo, para ajudar a preservar em Salvador, é trazer recursos, trazer investidores, trazer inteligência nova, inclusive com músicas, mostrando como eles fizeram lá, para ser replicado aqui. Apresentar os potenciais de Salvador em Nova Orleans será muito interessante, isso é articulação internacional.

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)

foram lançados em 2000 e eram de 2000 a 2015. Nós, enquanto WWI, acompanhamos isso. Em 2012 foi a Rio+20, nos juntamos com outras instituições internacionais e propusemos à ONU a mudança dos oito jeitos de mudar o mundo [demarcados pelos ODM] para alguma coisa cujo tamanho eles não sabiam qual seria. Viraram 17, os ODS 17 [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável]. Começamos a discutir, o mundo inteiro, são várias, milhares de instituições opinando, até chegar a 17. Imagina o esforço que foi. Por que não 32? Por que não 12? Enfim, chegamos a 17. E o WWI, insistentemente, trabalhou para a inclusão dos ODS 17, que é organizar redes sobre redes. É o que estamos fazendo aqui. Sozinho, não consigo fazer nada, a ABI também não, o IGHB e a ACBEU, aqui presentes, também não. Mas se montarmos redes, teremos uma força organizada, montaremos a governança.

Precisamos ter um foco na construção de uma agência de gestão da Baía de Todos-os-Santos. Os ODS foram lançados em Paris, construídos de 2012 até a COP de Paris 2015. Para mim foi a mais importante, a mais fantástica, porque trouxe contribuições efetivas. Os ODS são uma delas [conquistas]. Já correlacionamos os 17 ODS com artigos da Constituição Federal. Cotejamos artigos da Constituição Federal dentro dos ODS para fazer o que estamos fazendo aqui, e agradeço a oportunidade. Atrair a ABI para dentro dessa ação, puxar a imprensa para dentro, a ACBEU para dentro, Kirimirê para dentro. Começar a pensar como uma civilização para saber para onde vamos, para onde queremos ir. E partir para as ações. Estamos fazendo isso na Associação Comercial, mas precisamos juntar mais cabeças pensantes.

*Hoje é lei,
o Estado tem de seguir os ODS
em tudo que faz.*

Acerca da criação dessa Secretaria [da Economia do Mar], há um diálogo com o poder público? Você disse que ainda não esteve com a secretária, mas há possibilidade, para fomentar isso, de parcerias da prefeitura de Salvador com esses diversos setores da economia que estão envolvidos? Há uma intenção de fortalecer esse diálogo com a prefeitura [de Salvador], com o governo do estado [da Bahia] nesse sentido?

Olha, não só há, como estamos dentro dessa articulação. O que estamos fazendo aqui é pensando qual governança podemos instituir. Isso aqui é um trabalho em equipe para pensar em uma governança nova. Então a entregamos ao governo para que ele execute. Temos realizado eventos com o Tribunal de Contas do Estado, Tribunal de Contas dos Municípios, PGE [Procuradoria-Geral do Estado], cinco ou

seis eventos, levando a importância dos ODS para o estado. Alinhamos com a Secretaria de Planejamento para introduzir os ODS no PPA [Plano Plurianual 2024-2027]. Hoje é lei, o Estado tem de aplicar os ODS nas suas ações. O Estado brasileiro é signatário dos ODS, o que força descer para os subnacionais, estados e municípios.

Trouxemos o pessoal do TCU [Tribunal de Contas da União], o pessoal do PNUD [Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento], e já conseguimos introduzir [ODS] no PPA de 2024-2027 da Bahia. A ACBEU, que é uma instituição sem fins lucrativos, de utilidade pública, pode ajudar a fazer um relatório ODS para o estado e para os municípios.

É importante a ajuda da ABI nessa articulação, porque vocês são agregadores. E cada um pensar o caminho, porque não temos a equação pronta, mas, conjuntamente, a gente monta a equação.

O grupo de Economia do Mar tem mais de 450 pessoas já. Foi feito há cinco anos para debater e mostrar a investidores focados em sustentabilidade, em âmbito internacional, oportunidades no Brasil. É informação estratégica, informação sobre o que está acontecendo no mundo hoje.



FOTO: TATIANA AZEVEDO/SETUR



FOTO: FÁTIMA AZEVEDO / SETUR

Morro de São Paulo, famoso destino turístico da Ilha de Tinharé.

[...] todo mundo manda na Baía de Todos-os-Santos e ninguém manda.

“[...] ficamos muito na questão ambiental e esquecemos a importância da engrenagem da economia: eco, do grego [significando `casa`]; nomia, do grego [significando `regras`].

Sobre o lixo do Porto da Barra, estava passando pelas ruas de Nova Iorque, algum tempo atrás, e havia um camelô com umas caixas de acrílico transparente. Era um artista que havia pegado o lixo da cidade, acondicionou-o em caixas de acrílico, várias caixas, lacrou-as e estava vendendo por US\$ 100 [cada]. E todo mundo comprando, é Nova Iorque. Fiz um artigo no Correio, pode procurar que está lá [“Artes e Valores do Lixo”, jornal Correio, publicação em 20/12/2013]. E liguei para Bel Borba [artista plástico baiano]. É uma forma de chamar a atenção. Porque se você pegar aquele lixo [do Porto da Barra], trazer para a beira e vendê-lo, não por US\$ 100, mas por R\$ 50, ou R\$ 100 e doá-los para Irmã Dulce ou para o [Hospital]

Martagão Gesteira, gera renda e chama a atenção de uma outra forma de limpar a cidade.

Uma coisa que eu sinto é que ficamos muito na questão ambiental e esquecemos a importância da engrenagem da economia: eco, do grego [significando “casa”]; nomia, do grego [significando “regras”]. Precisamos começar a pensar nisso. Tem de gerar econegócios, porque senão ficamos criticando e vão continuar jogando lixo. Se você trazer um lixo, um pedaço de pneu daquele e vendê-lo, é uma ideia; estamos aqui em uma profusão de ideias. Talvez aquilo chame a atenção de outra forma. Colocar numa exposição, em outro canto.

Quando você me pergunta [sobre] a centralidade das ideias, o que eu sugeriria fazer [seria] uma agência de gestão na Baía de Todos-os-Santos. Estou nisso desde o ano 2000. Se você tiver uma ação como a Califórnia fez com a agência de gestão da Baía de São Francisco, você terá uma centralidade das ações por serem feitas. Então, se eu pudesse sugerir, diante de tudo que já mexemos, já fizemos, é isso.

[...] faria, sem dúvida, uma agência de gestão na Baía de Todos-os-Santos.



FOTO: JOTA FREITAS

“[...] os árabes estão entrando no Brasil. Enquanto não vemos oportunidades, os árabes estão vendo.

Sobre a Baía do Iguape, ela se insere em algum projeto importante? A Acelen está fazendo alguma coisa lá?

Eu sei de alguns movimentos da Acelen que leio na imprensa, [sobre estarem] plantando 200 mil hectares de macaúba, projeto inovador que produzirá um bilhão de litros de diesel renovável por ano. Estão avançando, há capital internacional forte, os árabes estão entrando no Brasil. Enquanto não vemos oportunidades, os árabes estão vendo. É um fundo chamado Mubadala, um dos maiores fundos soberanos do mundo. Estamos discutindo entre nós, os outros estão vendo esses valores e estão chegando silenciosamente, comprando e fazendo investimentos.

Estamos conversando [sobre] isso no Instituto Histórico. O Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (IGHB) é guardião da história e escreve a história do nosso futuro. Estamos aqui escrevendo a história do futuro. Aquele Instituto Histórico e Geográfico, que é a casa da Bahia, com aquele patrimônio que está lá e pode ser perdido. Se você falar em 11 de setembro, todo mundo lembra: é o dia [do ataque] às Torres Gêmeas em Nova Iorque. E alguém se lembra do dia 2 de setembro aqui? Ninguém se lembra. O Museu Nacional do Rio pegou fogo. O Instituto Histórico e

Geográfico da Bahia corre um risco alto de pegar fogo, e a memória da Bahia está lá dentro. Estamos com um esforço enorme para conseguir recursos com parceiros. Há fios de ar-condicionado passando nos arquivos das edições impressas dos jornais da Bahia guardados lá dentro. Papel velho com fios de ar-condicionado. Dá uma faísca, acabou tudo lá dentro.

Estamos com uma ação cuja entrada já foi dada entrada, já passou pela CCJ [Comissão de Constituição e Justiça], vai para a Câmara agora. É uma lei que declara a Baía de Todos-os-Santos como Capital da Amazônia Azul. Esse projeto já está avançado e a Baía de Todos-os-Santos vai ser oficialmente declarada como Capital da Amazônia Sul.

Eu sou menino da Ilha de Itaparica, de pegar barco, sair para pescar com pescadores e entrar na Baía de Iguape à vela. Aquilo ali é um colosso, uma coisa linda. Precisamos mostrar e garantir a preservação. Como fazer? Fortalecer o Instituto Histórico, junto com a Associação Bahiana de Imprensa, junto com a imprensa.

É por isso que agradeço ao honroso convite de Ernesto [Marques, presidente da ABI] para estar aqui e poder lhes passar essas informações. Precisamos nos apropriar desse nosso patrimônio, que não está esquecido, apenas não está visualizado. E isso é o que mais me incomoda. O fato de não estar ainda sendo visto. Está diante da ponta do nariz e não estamos vendo. Precisamos correr para fazer isso.

“Precisamos nos apropriar desse patrimônio nosso, que não é nem que está esquecido, ele não está visualizado.”

A Bahia tem bilhões de razões para olhar o mar com mais carinho

FOTO: PAULA FROES



Donaldson Gomes
Jornalista e editor de economia
do jornal Correio

Todos os anos, a Bahia retira do mar R\$ 80 bilhões. Apesar da grandeza do número, difícil até de mensurar — quase 53 milhões de salários-mínimos —, ele ainda é pequeno quando se pensa em termos de potencial, afinal estamos falando de um estado com mais de mil quilômetros de costa, envolvendo 46 municípios.

Antes de seguir adiante, é importante destacar que o número não foi localizado por este jornalista em nenhum banco de dados oficial, mas é amplamente citado por autoridades públicas, como parlamentares, secretários de estado e gestores de empresas estatais. Tomando os tais R\$ 80 bilhões como verdadeiros, o mar é responsável por quase 17% do Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia.

Feita a ressalva, deve-se convir que a perspectiva de que o mar movimente essa quantia é altamente plausível, uma vez que esta terra possui uma atividade turística pujante, tanto costeira quanto náutica, bastante conectada às águas do Atlântico; atividade pesqueira em uma proporção muito menor do que poderia ter, mas tem; além de portos e logística marinha, também aquém do que poderia ter.

Não se deve perder de vista que falar da Bahia é falar de um estado que tem em seu nome um acidente geográfico, e isso desde que a enorme reentrância que banha metade de Salvador e abraça Itaparica, além de outras dezenas de ilhas, ainda se escrevia com o “h”. Do mesmo modo que é impossível contar a história desta terra sem falar da Baía de Todos-os-Santos (BTS), é preciso entender que o futuro também está ligado às águas mornas, que podem proporcionar mais do que deliciosos banhos de mar.

Há espaço para potencializar as atividades que já são desenvolvidas, mas também para o desenvolvimento de novos potenciais.

Existem poucas áreas no planeta com as condições que a BTS oferece para operações marítimas, com suas áreas tranquilas, que movimentam pouco o fundo do mar e evitam custos elevados com dragagens de manutenção. Aliás, hoje a

Bahia depende apenas de um investimento no aprofundamento do canal de acesso ao porto de Salvador para receber com toda a tranquilidade os maiores navios porta-contêineres do mundo. Se, em algum momento, os governantes olharem para esta questão e trouxerem também acessibilidade terrestre, com uma malha ferroviária eficiente, ninguém segura a Bahia.

É preciso dizer também que existe o grandioso projeto do Porto Sul, em Ilhéus, ainda que atualmente a iniciativa esteja paralisada e sem a perspectiva de uma retomada. Se algum dia a Bahia tiver um Porto Sul, conectado a uma ferrovia moderna, o estado terá então dois importantes eixos logísticos, com enorme potencial para atração de novos investimentos.

O turismo é outra área em que ainda há muito para onde crescer. Não é por acaso que, vez por outra, encontram-se, em algum lugar paradisíaco do qual a imensa maioria da população jamais ouviu falar, algumas das figuras mais endinheiradas deste país. A costa da Bahia é linda. Quando se investe para tornar estes locais acessíveis não apenas para bilionários com seus helicópteros e outras facilidades de acesso, geram-se empregos, renda e desenvolve-se um estímulo à preservação. Sim, o turismo sustentável preserva. Ninguém faz pesca predatória em Barra Grande porque os lindos peixes em suas piscinas naturais atraem milhares de visitantes e sustentam a economia local.

Na área energética, a Bahia é o estado brasileiro com o maior potencial para o desenvolvimento de projetos para geração de energia renovável no mar, os chamados offshore, e alimentar a promissora indústria de hidrogênio verde.

O que falta para isso tudo deixar de ser potencial? Planejamento, investimentos em pesquisa e em infraestrutura, além da definição de uma governança eficiente. A Bahia nasceu do mar, mas parece que de lá para cá perdeu o gosto pela água salgada. No máximo, molha a ponta dos pés, sem coragem para mergulhar. Precisa perder o medo. Como disse Fernando Pessoa: “Deus ao mar o medo e o abismo deu, mas foi nele que espelhou o céu”.

"O mar quando quebra na praia é bonito."

FOTO: DIVULGAÇÃO



Nelson Cadena
Escritor e Jornalista

Caymmi sabia das coisas. Cantou nossas belezas séculos depois de os viajantes estrangeiros se encantarem com a Baía de Todos-os-Santos, impressionados com a sua exuberância, suas riquezas naturais, a imensidão desse azul sem fim. Os portugueses aventuraram-se por vastos territórios de nosso litoral, administrativamente os chamaram de capitânias, desistiram do modelo e fundaram a primeira capital do país. No coração da Bahia, matriz econômico-administrativa do país, durante mais de dois séculos. Com justiça, desde 2014, matriz e sede da Amazônia Azul.

A Amazônia Azul fez a Bahia e os baianos. A baía que os povos originários chamavam de Kirimurê, cobiçada por portugueses e holandeses, foi a matriz do Brasil e da família baiana, constituída a partir do consórcio entre Caramuru e Catharina Paraguassu. A mestiçagem continuou no século da ocupação e nos subsequentes, com os povos escravizados que vieram pelo mar e com eles sua gastronomia, musicalidade, religiosidade; chamemos pelo nome certo: cultura. Que, se marginal por séculos, se impôs na atualidade como preponderante na formação da baianidade.

Foi a Amazônia Azul que gerou o ciclo de festas populares, manifestações culturais com impacto na economia baiana junto a nichos específicos e na coletividade. Santa Bárbara nasceu dos comerciantes do mercado do mesmo nome, no território da atual Praça da Inglaterra. Conceição da Praia nasceu festa portuguesa com certeza, à beira-mar e, no século XX, foi o paraíso das frutas de estação, abastecidas por Itaparica e Recôncavo; Bom Jesus dos Navegantes nasceu como festa comercial, iniciativa de um inglês

para promover a navegação a vapor, antes de se assumir religiosa, com devoção a um padroeiro.

Senhor do Bonfim e Rio Vermelho nasceram no contexto do ciclo de verão dos arrabaldes, festejos de três semanas para os veranistas, com grande aporte de recursos, comércio de toda ordem e, no caso do Bonfim, pioneirismo no comércio ambulante (1813) durante os festejos. E foi na inspiração do mar que a Bahia conquistou sua independência, nas batalhas de Itaparica, no cerco do Funil, na rota de fuga para o Recôncavo, no bloqueio ao abastecimento para as tropas lusitanas e apoiadores. Bonito, bem definiu Caymmi, e bendito mar que nos propiciou a Independência.

Dia 2 de fevereiro tornou-se reverência às Rainhas das Águas. Iemanjá, a protetora dessa imensa Amazônia Azul, com culto manifesto em praticamente toda a extensão costeira. A Amazônia Verde tem a sua Iara, Rainha das Águas Doces, na Bahia cultuada por séculos na Lagoa do Abaeté e no Dique do Tororó. As duas rainhas regem os 3,6 milhões km², podendo abranger 4,5 de extensão com a área oceânica que o Brasil reivindica junto à ONU. A área total da extensão da Amazônia Azul é de aproximadamente 5,7 milhões km².

A preservação desse patrimônio imaterial e a sua sustentabilidade são os desafios. A Amazônia Verde consolidou sua imagem como pulmão do mundo. A Amazônia Azul, na sua analogia, já é um conceito. Patrimônio de recursos naturais, minerais e com rica biodiversidade a ser explorada. Potencial econômico para além do bonito que inspirou Caymmi.



FAEB

60
anos

CELEBRANDO A HISTÓRIA
INSPIRANDO O FUTURO

Há 60 anos representando e fortalecendo os produtores rurais, porque quando a gente defende o campo, a gente defende todo mundo.

A conta é simples:

QUANTO MAIS O
**CAMPO
PRODUZ,**
MAIS A BAHIA
CRESCER.



ESCANEE O QR CODE
E VEJA O QUE FAZEMOS
PELO PRODUTOR RURAL

MAIS ESTUDO



PARTIU ESTÁGIO



JUVEN- TUDES É GOVERNO PRESENTE

mo
vi
men
to

SOU JUVS

Gerações, ritmos e trends mudam a todo momento. Mas o desejo das juventudes de fazer o presente e criar o futuro permanece. Por isso, o Governo do Estado chegou junto e lançou o Movimento Sou JuvS.

É hora de criar mais incentivos e dar mais oportunidades nos estudos, na vida profissional, na cultura, nos esportes e no empreendedorismo, contribuindo para um maior desenvolvimento das juventudes baianas. **Vamos juntos nessa jornada de transformação e conquistas.**



ba.gov.br/soujuvs

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE